

IMAGENS PARA UM REBELIÃO PINTADO

Para os que viveram Abril, a memória de paredes pintadas de mensagens políticas é trivial. Que significado têm hoje, num tempo em que os muros não exibem o sentimento de liberdade mas de austeridade do pensamento e da ação



O LIVRO INTITULA-SE *Muros de Liberdade* e pretende ter uma dupla função: lembrar os muros do tempo da Revolução e a situação nacional/europeia 40 anos depois. Segundo os coordenadores do volume, Karl-Eckhard Carius e Viriato Soromenho-Marques, a intenção é refletir a importância da mudança política e o seu impacto cultural e histórico quatro décadas após o 25 de Abril. Trazer até à atualidade essa análise resulta na obrigação, explicam, de compreender "a apatia social que se verifica devido ao falhanço das políticas que visam criar uma identidade europeia".

Na introdução, Viriato Soromenho-Marques questiona o que contam as paredes da Europa? E responde: "Quem percorre as cidades de muitos países europeus ficará surpreendido com o que contam as suas paredes. Os seus textos e imagens estão longe do sonho e da utopia. São gritos de desespero, exclamações angustiadas que remetem para 'dívida' e 'culpa', para 'resgate' e 'austeridade', 'troika' e 'desemprego'." Ou seja, conclui, na Europa atual "desapareceu a dimensão do futuro, a esperança deixou de ser desenhada ou proclamada".

Se K.-E. Carius fotografou algumas das imagens que estão no livro, também garante nunca ter participado na pintura de muros. No entanto, conhece bem esta expressão, pois esteve ao lado de colegas que em Berlim 1968 cobriram paredes com muros e em 1969 desenhou um *poster* em que contestava o envolvimento norte-americano no Vietname.

Muitas das fotografias deste volume resultam do seu cuidado em preservar a memória: "Esta é uma tarefa que cabe aos historiadores portugueses e não foi nossa intenção criar um registo de muros. Nos anos 80 tirei muitas fotografias a muros porque me fascinava a sua narrativa, recordava acontecimentos e situações e preenchiam-me as memórias da minha amizade para com os portugueses." As restantes fotografias vêm de outros autores, como o falecido paleontologista Alfred Kottek que esteve em Portugal nos anos 70 e fez um grande arquivo sobre esta temática e o fotógrafo profissional Ferdinand Joesten. Outras imagens de muros foram fotografadas mais recentemente pelos irmãos Martinho e Guilherme Dutschke a seu pedido.

Podem refazer-se a história do 25 de Abril e do ano e meio que se lhe seguiu através dos muros que cobriram Lisboa?

A seleção tirada da minha coleção de imagens apenas pode ser vista como uma pequena parte documental do processo da Revolução dos Cravos e dos anos subsequentes. As imagens são fragmentos, vestígios deixados por um movimento que continha vários grupos políticos com algumas posições políticas muito diferentes entre si. O apoio da história não nos irá ajudar na situação em que nos encontramos socialmente. O 40º aniversário do 25 de Abril pode ser um dia de reflexão em que se pense menos no passado e mais no futuro e nas questões políticas, pois serão estas que irão resolver os problemas da sociedade.

Era uma arte da Grande Lisboa ou estendia-se a todo o País?

Eu não falaria de arte neste contexto, embora tenha um grande respeito pelas pinturas e pelos seus autores desconhecidos. Vejo as imagens mais como uma rebelião pintada e, como tal, o facto de terem a sua qualidade



**'Muros de Liberdade:
As imagens Esquecidas
de Lisboa e o Clamor de Hoje'**

Vários autores
Coordenação de Karl-Eckhard Carius
e Viriato Soromenho-Marques
Editora Esfera do Caos
176 páginas
ISBN: 978-989-680-107-6

própria. Os muros de grande formato desenhados com um meticuloso prazer pelos pormenores eram predominantes em Lisboa. As paredes das fábricas em conflito quase que pediam para que a liberdade alcançada fosse escrita nelas. Os grandes cenários onde a história revolucionária do País era ilustrada serviam como uma enorme página do guia da cidade. Certamente que imagens de menor formato e especialmente os slogans escritos nas paredes noutras cidades e aldeias eram, principalmente no Alentejo, um dos antigos baluartes da resistência.

Tinha efeitos na realidade nacional?

Tanto quanto sei, a influência era indireta, se estivermos a falar dos grupos radicais. Em primeiro lugar eram os círculos intelectuais, que se estavam sempre a reformar, que exerciam uma influência mais forte nos debates da retaguarda. O MES assim como a Intervenção Socialista de Jorge Sampaio tiveram bastante influência no desenvolvimento político. Podemos ver em algumas imagens repetidamente pintadas que Mário Soares, que teve um papel fundamental no desenvolvimento democrático de Portugal, foi muitas vezes criticado: Soares/Pinto, rua! É claro que esta fase de desenvolvimen-



O "revisionismo" foi mote de inúmeros murais devido às querelas políticas esquerdistas

to foi marcada pelas posições políticas e pelas lutas de poder. Consequentemente, algumas imagens são particularmente interessantes porque refletem a luta permanente dos partidos pelo poder e pela influência. Considera que essas pinturas ficaram na memória das pessoas ou eram apenas paisagem?

As pinturas nas paredes, assim como na memória, desaparecem com o tempo. É por isso que temos museus para arquivar e preservar pinturas. O que, evidentemente, não é possível fazer com grandes pinturas murais e, com certeza, não nos últimos tempos, pouco motivados politicamente. A publicação deste livro lembra-nos que aquelas imagens existiram em tempos. Para os intelectuais portugueses era necessário preservar alguma memória. Já nos finais dos anos 80 eles sentiam que muitos cidadãos viam as pinturas da Revolução dos Cravos como pertencentes ao passado e viravam as costas à sua própria história. As imagens e os seus motivos não devem ser sobrevalorizados. No fim de contas, a revolução não teve origem em

pinturas, os protagonistas da revolução foram intelectuais, soldados, homens e mulheres corajosos que mudaram a realidade: do fascismo para a democracia. A História mostra que tais transformações sociais perdem a sua força motriz com a passagem do tempo e que nos perdemos no labirinto dos processos de resolução de problemas. De um sistema político para outro, que é ligeiramente melhor mas não fundamentalmente diferente. Os sistemas consomem-se a eles próprios. Precisamos constantemente de alimento para o pensamento, para não estagnarmos. A nossa cultura do acontecimento e do ego e o consumo excessivo tornou-nos em grande parte cegos, assim somos incapazes de capturar os aspetos essenciais da vida. Este livro deverá ajudar a trazer de volta às nossas mentes as imagens daquela época, de forma a manter a consciência, especialmente para as gerações futuras, de que há sempre maneira de mudar a situação e de lutar por isso.

Existe algum mural que possa ser considerado uma obra de arte?

Essa é uma questão repetidamente discutida no debate sobre a importância dos graffiti. Alguns dos murais portugueses – também atuais – podem ser olhados, razoavelmente, sob alguns aspetos da arte. Contudo, a variedade estilística das imagens da Revolução dos Cravos vai desde a imagética folclórica ingénua até à maioritariamente realista e politicamente populista ao estilo do realismo socialista, cujas raízes ideológicas estão no marxismo-leninismo e a sua visão fundamental de uma sociedade sem classes. Os graffiti são interessantes quando passam uma mensagem inteligente e criativa, como os do artista britânico de graffiti, Banksy, para citar um exemplo. Em contraste, as cidades atualmente, principalmente em nichos urbanos, estão cobertas de estúpidos graffiti individuais, na sua maioria epígonos apolíticos, sem consideração pela propriedade pública ou privada. No entanto, a relação entre os graffiti e a superfície na qual eles são escritos ou pintados está, mais uma vez, na agitação estética e política. Para Banksy "Política nas paredes é uma forma de apropriação do privado pelo público". É assim que eu vejo as pinturas murais de Lisboa da aquele tempo.

Há ícones com especial significado?

É claro que os ícones nos murais têm um significado especial. São sinais do passado político. Sob o ponto de vista iconográfico, a bandeira vermelha está gasta no seu significado político e é agora politicamente nostálgica. Os grupos políticos da Revolução dos Cravos e da fase pós-revolucionária tinham, naturalmente, uma orientação comunista e socialista. Não foram evidentemente os liberais que lutaram contra o fascismo, os outros eram de esquerda, não eram politicamente neutros. Havia grupos que formaram a sua visão do mundo a partir das teorias de Marx, Lenine e Engels, Trotsky, Mao Tsé-tung e Ché Guevara eram os seus ídolos. A foice e o martelo serviram no século XX principalmente como um símbolo do comunismo na bandeira da União Soviética. Também o anti-go brasão de armas da República Democrática da Alemanha, com o martelo e o compasso dentro de um círculo de espigas de centeio, tinha a mesma função: simbolizava o "Estado de trabalhadores e camponeses" em aliança com a "inteligência". Em contraste, o círculo de estrelas da Europa atual funciona como um halo, sob o qual operamos transações financeiras, corremos mais depressa com sapatos desportivos da Nike, Adidas ou Puma e podemos ir às compras.

Faz questão de colocar no subtítulo uma chamada de atenção para a atualidade – "o clamor de hoje". Há paralelismo?

Com esta publicação damos à luz do dia imagens que trazem à memória o clamor de Portugal em 1974. Não há um olhar nostálgico, mas o encantamento com uma dinâmica com a qual se pode fazer a diferença. As imagens usadas no livro servem como uma ilustração para refletir o processo de transformação social desencadeado pela Revolução dos Cravos. Era a ditadura de um regime fascista contra o revoltado povo português, hoje é a ditadura do capitalismo financeiro que leva os cidadãos para a rua e causa o desespero. Este último foi a força motriz por detrás do nosso trabalho, a revolta pela qual clama Stefane Hessel no seu libelo que clama por uma resistência pacífica contra a injustiça na nossa sociedade. Nós, ou somos parte do problema ou parte da solução do problema!

Muros da Liberdade

VÁRIOS AUTORES

DEPOIMENTO DE LÍDIA JORGE

Os heróis pintores subiam aos andaimes e desenhavam a várias cores os foguetes vermelhos da revolução em marcha. Muitas das imagens até eram reconhecíveis, tinham feito viagem num tempo datado, mas para nós eram inaudíveis, nasciam naquela altura, e se vinham de longe era melhor ainda, era para nos salvar. Graficamente, umas vinham da China, outras da grande URSS, outras provinham até de outros espelhos mais solenemente trágicos, no decalque heroico do triunfo apresentavam a mistura explosiva da inocência das bonecas com a forma embevecida das artes totalitárias, mas, para nós, isso pouco importava. Se a parede tinha sido branca, o que interessava era pintá-la com os ícones que estavam à mão.

DEPOIMENTO DE MÁRIO SOARES

Este livro é sobre os muros onde se desenha a liberdade. São os muros de Lisboa, como amanhã poderão ser os muros de Paris ou de Berlim. O que me parece importante é ter consciência de que a gravidade da situação europeia é tal que o futuro dos europeus não pode ficar exclusivamente na mão de governos que, infelizmente, já mostraram a sua falta de competência quer para compreender quer para combater a presente crise. Os coordenadores e autores deste livro talvez tenham sido movidos por uma sabedoria profética. O tema dos Muros de Liberdade não se esgota na evocação de um passado de que nos podemos orgulhar. Ele antecipa, sobretudo, um futuro em que a liberdade tem de ser defendida, com coragem e determinação, por todos os cidadãos e povos da Europa. Só os Muros de Liberdade, erguidos pelos cidadãos, poderão impedir que a Europa volte a sofrer a experiência das fronteiras armadas, e dos muros de opressão, resuscitando os piores fantasmas da história europeia.

DEPOIMENTO DE TERESA SALEMA

As memórias não são organizadas como os ramos que saem do tronco de uma árvore. As memórias são rizomáticas. Despontam onde menos se espera a partir de um subso-lo que não se vê. Por exemplo a partir de uma repetição anódina, como um ritmo persistente. Soares-Pinto-Rua? – perguntava-me um turista inglês nos anos oitenta, desorientado, com a planta da cidade virada ao contrário nas mãos e folheando para trás e para a frente um minidicionário de bolso. *You seem to have renamed such a lot of streets after a single great man from your revolution, Soares-Pinto-Street. Who was he?* Lembro-me de como entrei no jogo, em parte divertida por aquela leitura inesperada, em parte pesarosa por desfazer o mito de topografia revolucionária que aquele homem acabara de construir. "Rua" means "out" – e com esta informação lapidária estivemos ali, ao sol de uma avenida perto do rio, a desenrolar as primeiras grandes desilusões da jovem democracia. E as suas formas de exteriorização, em texto e imagem, como duelos obstinados, repetitivos, entre eles-lá-em-cima e nós-cá-em-baixo.